

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

**ESTUDOS DE HISTÓRIA
DA CULTURA CLÁSSICA**

II Volume – Cultura Romana

3.^a edição

M. Helena
3/06

SERVIÇO DE EDUCAÇÃO E BOLSAS
FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN | LISBOA

NOTA À 3.^a EDIÇÃO

Tal como sucedeu com a edição anterior, também esta foi completamente revista e actualizada, e até alguns capítulos substituídos, em função das muitas teorias novas entretanto surgidas, particularmente no que respeita às origens de Roma, questão sempre candente e sujeita a alterações, decorrentes de novas descobertas arqueológicas.

Entretanto, houve também necessidade de acertar as referências aos textos contidos na 4.^a edição de Romana, Antologia da Cultura Latina (Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2000).

Esperamos que, deste modo, o livro possa continuar a ser útil aos estudiosos de uma cultura que ocupa um lugar inconfundível nas bases da civilização europeia.

Coimbra, Dezembro de 2001

M. H. R. P.

PREFÁCIO

Escrevemos, no prefácio ao primeiro volume destes Estudos, que eles não eram sistemáticos nem exaustivos. A mesma característica prevalece neste segundo tomo, reforçada ainda pelo facto de não haver, dentro do âmbito da Cultura Romana, trabalhos de envergadura comparável aos que existem para a Cultura Grega. Também aqui se faz apelo constante às fontes, com remissão para Res Romanae¹, onde se encontra traduzida uma parte considerável do que é preciso conhecer.

Em outros aspectos divergem, porém, os dois tomos. Entendemos que era preferível concentrar a nossa análise diacrónica nos dois grandes períodos criadores – o republicano e o augustano – embora com o risco de deixarmos de fora uma personalidade tão marcante como Séneca. E, em cada um destes períodos, singularizámos, para mais extenso tratamento, os factos ou figuras que nos pareceram mais significativos: a entrada do Helenismo em Roma e a acção de Cícero – que em parte se sobrepõem, mas mesmo assim convém separar – e a obra virgiliana. Teremos assim ocasião de assistir à sedimentação de alguns dos estratos mais profundos da

¹ *Res Romanae. Antologia da Cultura Romana.* Organizada e traduzida do original por M. H. R. P. Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 1976.

cultura europeia, como resultado da amálgama de elementos acentuadamente helénicos com um fermento itálico, que também nos esforçámos por surpreender. O fenómeno é apreciado, com maior ou menor extensão, na área filosófica, literária, científica, religiosa e artística (esta última, em apêndice, por obedecer a uma seriação cronológica distinta).

Depois de obtidos assim – embora de forma necessariamente esquemática e incompleta, a que não é difícil apontar lacunas – os principais dados concretos para reconstituir a evolução da Cultura Romana, estava aberto o caminho para, com base neles, tentar um esboço de história das principais ideias morais e políticas de que ela é suporte. Ao fazê-lo, tivemos muitas vezes ocasião de ultrapassar as metas cronológicas acima estabelecidas, o que compensará, segundo esperamos, os inconvenientes da restrição que nos impuséramos na primeira parte.

De feição acentuadamente didáctica, esta obra propõe-se oferecer a estudantes e estudiosos dados e reflexões que possam conduzir a uma meditação pessoal acerca de uma experiência intelectual que, aparentemente vinculada a um contexto histórico bem definido, é na verdade intemporal, pelos valores permanentes que encerra.

Queremos ainda agradecer aos nossos Colegas, Professores Doutores Américo da Costa Ramalho e Walter de Sousa Medeiros, a leitura atenta que fizeram, respectivamente, dos capítulos sobre Cícero e sobre Virgílio, que são parte essencial destes Estudos.

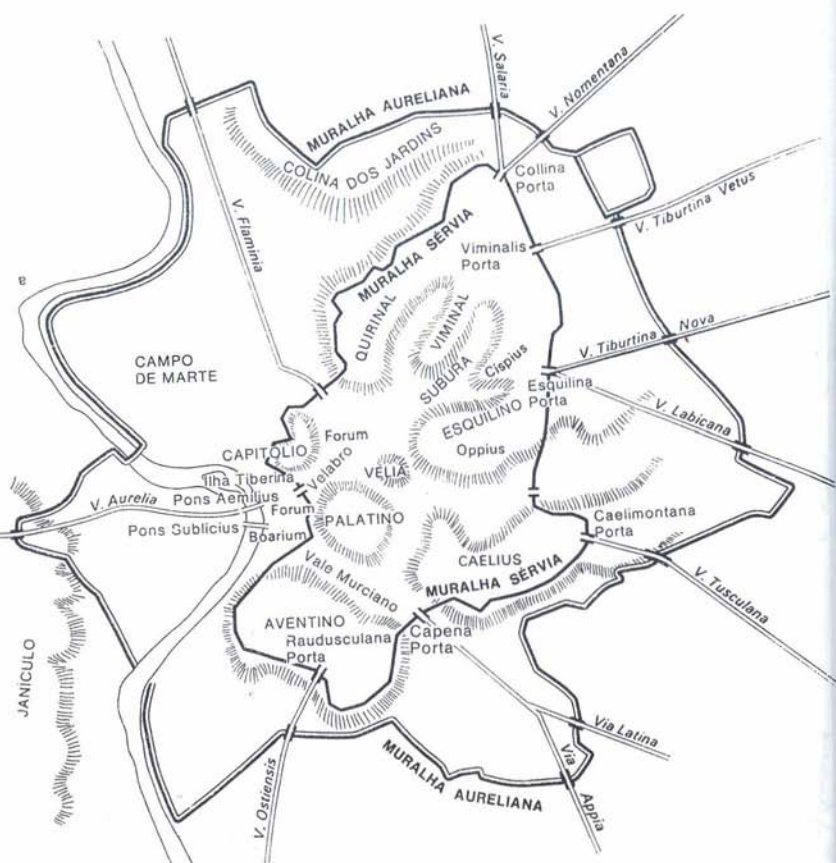
Coimbra, Novembro de 1982

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA

IMPÉRIO ROMANO
NO TEMPO DE ADRIANO



Mapa I.



Mapa II – As Colinas Romanas e o Forum.

INTRODUÇÃO

AS ORIGENS DE ROMA

Quais as origens de uma cidade que, partindo de começos modestos, havia de dar o nome a uma civilização, a um império que foi o maior do mundo antigo, e, o que é mais perdurável, a uma cultura que marcou de forma indelével as que se lhe seguiram, é, naturalmente, uma das questões mais discutidas de todos os tempos.

A singularidade do fenómeno já a notara Políbio, um dos maiores historiadores gregos, ao escrever no começo do seu livro¹:

Quem haverá de tão mesquinho ou frívolo que não queira saber de que modo e com que espécie de governo é que quase todo o mundo habitado, conquistado em menos de cinquenta e três anos, caiu sob um poder único, o dos Romanos? Facto ao qual não se encontram antecedentes (.....). Os Romanos subjugaram, não algumas partes, mas quase toda a terra habitada, e deixaram um poderio tão vasto que é impossível aos nossos contemporâneos resistir-lhe, e, aos nossos descendentes, excedê-lo.

Políbio, que viera para Roma como prisioneiro e depois se tornara mestre de Cipião Emiliano, futuro destruidor de Cartago, viveu no séc. II a.C. Depois disso, como todos sabem, o Império alargou-se muito mais ainda, em todas as direcções.

¹ *Histórias* I.4-8, *passim* (*Romana*, p. 269).



Mapa III – A Itália primitiva.

Que a localização da cidade era privilegiada, já os antigos o reconheciam: a distância suficiente do mar, para estar resguardada dos ataques dos piratas; nas margens de um grande rio, que propiciava a passagem de mercadorias essenciais, entre as quais o sal; no ponto estratégico para seguir do Norte para o Sul da Península Itálica, e o último onde ainda se podia passar a vau, antes da foz; protegida por colinas que dominavam a planura do Lácio.

Assim o compreendia Cícero, que escreveu, a respeito de Rómulo, de cuja existência histórica não se duvidava na Antiguidade²:

Quanto ao lugar para a Cidade, que deve ser planeado com todo o cuidado por quem tenta lançar a semente de um Estado duradouro, fez uma escolha espantosamente apropriada. Pois nem a levou para junto do mar, coisa que, com aquele poder militar, lhe era fácilimo, nem avançou para o domínio dos Rútulos ou dos Aborígenes, ou para uma fundação na foz do Tibre, sítio onde muitos anos depois o rei Anco estabeleceu uma colónia. Mas este varão dotado de excelsa prudência teve a visão de compreender que a localização no litoral não é a mais conveniente para cidades destinadas a serem o centro de impérios duradouros, sobretudo porque as cidades marítimas estão expostas, não só a perigos variados, mas até desconhecidos.

Que a cidade fora fundada por Rómulo no Monte Palatino, de acordo com os rituais que colocam essa tradição sob a influência das ideias gregas, que o acto se realizara em 735 a.C. (segundo os cálculos que, no séc. I a.C., viria a fazer o erudito Varrão), que àquela figura outras se haviam sucedido, num total de sete reis, dando cada um o seu contributo para o longo processo de formação da urbe, eram factos que a

² *A República* II.3.5 (*Romana*, p. 37).

Antiguidade não punha em dúvida, embora se registassem variantes de pormenor³.

A partir do séc. XVIII, porém, os Modernos começaram a duvidar e a etiquetar de lenda, sucessivamente, tudo quanto os Latinos contavam sobre o tempo dos reis. É a fase da hiper-crítica, que atinge o seu auge com o influente historiador ETTORE PAIS, no final do séc. XIX. É certo que as fontes

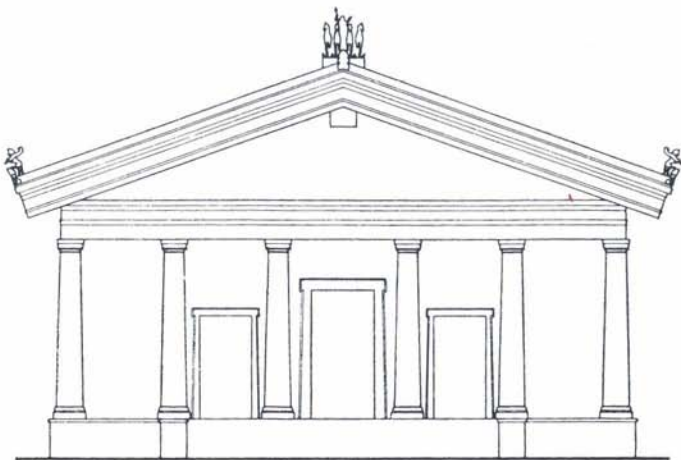


FIG. 1 – TEMPLO DE JÚPITER CAPITOLINO.

³ Sobre a tradição historiográfica, veja-se a bibliografia citada por T. J. CORNELL, *The Beginnings of Rome*, p. 412, nota 25; e ainda J. POU CET, *Les origines de Rome, tradition et histoire*, e A. GRANDAZZI, *La Fondation de Rome*. O mais belo e mais antigo tratamento literário do tema da fundação pode ler-se nos *Anais* de Ênio (séc. III-II a.C.), I,45-62 (*Romana*, p. 8).

literárias antigas só apareceram meio milénio depois da data tradicional: os analistas – Fabius Pictor e outros –, que aliás já só conhecemos através de derivados seus, Tito Lívio e o grego Dionísio de Halicarnasso. Mas, por outro lado, a lenda dos gémeos Rómulo e Remo, aleitados pela loba que os encontrou no sopé do Monte Palatino, tinha-se tornado versão oficial dos acontecimentos por volta de 300 a.C., uma vez que uma das mais antigas emissões de moedas de prata romanas, a de 269 a.C., já representava graficamente essa história. Muito antes disso, talvez no séc. VI a.C., a magnífica estátua da chamada “Loba Capitolina” é outro testemunho significativo⁴. A tradição de que Rómulo criara no Capitólio um lugar de asilo para toda a espécie de fugitivos, incluindo escravos, a do rapto das Sabinas (ao qual voltaremos adiante), destinado a obter as esposas de que careciam, e subsequente aliança com o povo a que elas pertenciam, são hoje vistas como uma saga “característica de um povo que tinha erigido o poder alargando a sua cidadania e admitindo continuamente novos elementos no meio dela”. T. J. CORNELL, que escreveu estas palavras, prossegue ainda: “Roma foi também única entre as sociedades antigas na sua prática de assimilar

⁴ Cf. T. J. CORNELL, *The Beginnings of Rome*, p. 61. À famosa peça escultórica (à qual não pertencem as crianças, acrescentadas por Pollaiuolo no Renascimento), que se conserva no Museu Capitolino, tem sido repetidamente atribuída origem etrusca. Mas um historiador da arte como R. BIANCHI BANDINELLI, *Rome. Le Centre du Pouvoir* (Paris, 1969), p. 6, não lhe encontra nada que confirme tal origem, e sugere a sua feitura por um artista da Campânia ou da Sicília, ou mesmo por um grego emigrado. Veja-se também o catálogo da exposição *La Grande Roma dei Tarquini* (Roma, 1990), p. 145.

escravos libertos, que automaticamente se tornavam cidadãos romanos no acto de manumissão”⁵.

Para um melhor conhecimento dos primórdios de Roma têm dado um contributo de grande relevância, embora sempre sujeito a rectificações a que o próprio evoluir dos trabalhos obriga, as escavações arqueológicas, sobretudo as efectuadas na segunda metade do séc. XX. Referiremos apenas alguns exemplos⁶.

Em relação à colina do Palatino, pensa-se actualmente que foi habitada pelo menos desde 1000 a.C. Aliás, toda a primeira fase da chamada “Cultura Laziale” se situaria entre aquela data e c. 900 a.C., o que corresponde ao final do Bronze Antigo Itálico. Também de c. 1000 a.C. serão alguns túmulos do Forum, que testemunham a prática da cremação. Em período posterior, o séc. VIII a.C., aparecem naquela colina os primeiros restos de cabanas; da mesma época, ou já do século seguinte parecem ser os vestígios de uma muralha. As escavações realizadas em outras cidades do Lácio, como Lavinium e Alba Longa, a que a tradição

⁵ *The Origins of Rome*, p. 60. Encontram-se na ordem do dia os estudos sobre a complexa questão, afim desta, da identidade cultural dos povos submetidos ao poderio romano. Entre as colectâneas de trabalhos mais recentes, vejam-se as organizadas por RAY LAURENCE and JOANNE BERRY, *Cultural Identity in the Roman Empire* (London, 1998) e por JANET HUSKINSON, *Experiencing Rome. Culture, Identity and Power in the Roman Empire* (London, 2000).

⁶ Para um tratamento muito completo e autorizado destes temas sempre em evolução, veja-se CHRISTOPHER SMITH, *Early Rome and Latium* (Oxford, 1996). Por sua vez, a revista *The Journal of Roman Studies* costuma apresentar periodicamente um “Survey Article” em que um ou mais especialistas analisam as novidades nesse domínio. Desnecessário será acentuar que nem todas as teorias colhem aceitação.

atribuíam um papel importante na fundação da Urbe, levam a supor, para todas, a mesma antiguidade⁷.

Todos estes dados têm, em certa medida, um carácter provisório, pois, se as escavações no Palatino e no Forum Romanum se têm sucedido, tal não aconteceu ainda com o Célio e o Aventino, por exemplo. Além disso, há os achados que provam a existência de comércio com outros povos em tempos muito recuados. Entre os mais surpreendentes encontram-se aqueles que demonstram a existência de contactos directos com os Gregos desde a época arcaica, assunto de que trataremos adiante, em capítulo próprio, tal a sua relevância.

Mas, em referência ao período arcaico, há outra questão não menos importante e controversa a referir, que é a do papel dos Etruscos. Desencadeada no séc. XVIII e apoiada por inúmeros achados arqueológicos, entre os quais objectos de arte encontrados numa vasta região a norte do Lácio, a exaltação deste povo atingiu o extremo de certos autores o considerarem como o verdadeiro fundador da cultura europeia⁸.

⁷ Está hoje posta de parte a teoria, que prevaleceu durante alguns decénios, de que, após a drenagem da zona pantanosa do Forum, entre c. 625 e 575 a.C., se tornara possível a existência nesse local de um mercado que teria conduzido à unificação das populações dispersas numa só cidade. O principal defensor dessa doutrina, o grande especialista EINAR GJERTADT, chegou mesmo a afirmar: "O Forum Romanum é o berço de Roma", in *Les Origines de la République Romaine*, Entretiens Hardt, vol. XIII (Genève, 1967), pp. 1-43. Porém, as escavações dirigidas por AMMERMAN (1990) mostraram que só o enchimento de terras efectuado no vale do Forum, entre as colinas Palatina e Capitolina, no final do séc. VII a.C., terá evitado a constante ameaça de cheias nesse local, permitindo que ele se tornasse importante (cf. CHR. SMITH, *Early Rome and Latium*, p. 101).

⁸ Exemplo típico desse modo de ver é o livro de WERNER KELLER, *Denn sie entzündeten das Licht* (München, 1970), cuja tradução portuguesa (Lisboa, 1976) levou ainda mais longe o sensacionalismo do título: *O berço da Europa. História dos Etruscos*.



FIG. 2 – LOBA DO CAPITÓLIO.

Estátua de bronze. Roma, Palazzo dei Conservatori.

Dentro desse grupo, os mais moderados mantêm ainda hoje a noção genérica de que a Roma arcaica, pelo menos na fase final da monarquia, tinha muito de uma cidade etrusca⁹.

⁹ Arqueólogos distintos, como o já citado CHR. SMITH, *Early Rome and the Latium*, continuam a acentuar que a influência dos Etruscos foi clara “a todos os níveis” e que “todos os dados apontam para uma penetração profunda do Lácio pela cultura etrusca” (pp. 183 e 227, respectivamente).

Note-se que, entre as muitas etimologias propostas para o nome da cidade, figura também uma de proveniência etrusca. Mas os mais antigos escritores latinos, como Ênio, derivaram-lhe o nome do seu fundador mítico (*Anais* I.48 – *Romana*, p. 8). Por outro lado, a tentadora aproximação ao grego ῥώμη (“força”) parece ter tido a sua primeira expressão num escritor grego do séc. III a.C., Lícofron, no seu poema *Alexandra*, vv. 1232-1233. Veja-se, sobre o assunto, BRUNO ROCHETTE, “Ῥώμη = ῥώμη”, *Latomus* 56 (1977), 54-57.

Porém, em obra já citada, *The Beginnings of Rome*, T. J. CORNELL dedica ao assunto um capítulo com o sugestivo título “O mito da Roma etrusca”, em que, depois de historiar a formação dessa corrente, examina a validade dos argumentos que pressupõem a conquista de Roma ou de qualquer localidade no Lácio por aquele povo. Reconhece que houve um período de dominação etrusca na Campânia, o qual está documentado literária e epigraficamente. Mas “tal documentação”, continua, “está ausente no caso de Roma e do Lácio”¹⁰. A ascensão ao trono de Tarquínio Prisco é por ele reposta no quadro da historiografia antiga, que o descreve simplesmente como alguém que, por razões pessoais, emigrou para Roma com a mulher e a família, para aí refazer a sua fortuna¹¹.

Sem entrar no pormenor da discussão, que abrange, entre outras áreas, a da concepção da divindade, a da transmissão da escrita, a da arte¹², a da tradição de certos símbolos da

¹⁰ *The Beginnings of Rome*, p. 156.

¹¹ Recorde-se, a este propósito, a presença de Tarquínio de Roma (*Cneve Tarchunies Rumach*) num fresco de um túmulo etrusco de Vulci, em que se representavam grandes figuras.

Sobre os pormenores da refutação das conhecidas teses de ALFÖLDI (*Early Rome and the Latins*, Ann Arbor, 1965), que sustentava que Roma havia sido conquistada e governada por uma sucessão de cidades etruscas rivais no séc. VI a.C., mas que tal facto fora ocultado pelo analista Fabius Pictor, bem como as de OGILVIE (*Early Rome and the Etruscans*, London, 1976), que perfilhava a doutrina “invasionista”, ou seja, de que a penetração etrusca se efectuara lentamente, a todos os níveis sociais, vejam-se especialmente as pp. 119 a 172 da obra citada de CORNELL.

¹² Sem pôr de parte as informações antigas de que o Templo de Júpiter Capitolino foi construído por artistas etruscos, e as suas esculturas de terracotta por homens de Veios, CORNELL interpreta o facto como uma simples prova de que os Romanos tinham possibilidade de utilizar os serviços dos

autoridade (que, aliás, não implicavam a origem etrusca das instituições ou conceitos jurídicos do poder), limitar-nos a repetir algumas das conclusões da mesma obra: “A finalidade do discurso até este momento foi desafiar a visão dos modernos que torna os Etruscos responsáveis por toda a espécie de inovações, ideias, costumes e instituições. Essa visão funda-se, não em provas, mas em suposições *a priori* errôneas” e “Roma nunca foi uma cidade etrusca. Era um povoado latino independente, com uma população cosmopolita e uma cultura sofisticada. A sua vida material era semelhante (por vezes, na verdade, insusceptível de se distinguir delas) à das cidades etruscas vizinhas, mas isto não a torna etrusca, não implica qualquer supremacia cultural ou prioridade do lado etrusco”¹³.

Outro problema de interrelações é suscitado pelos Sabinos, que a tradição ligava desde logo a Rómulo, mediante o episódio, já atrás referido, do rapto das Sabinas, o qual teria estado na origem da existência de uma monarquia dualista, com um representante de cada um dos dois reinos envolvidos. O grande opositor dessa tese foi HUGH LAST, que negou que tivesse havido conquista sabina ou que Roma tivesse podido chegar a considerar-se uma cidade sabina¹⁴. O renovamento da arqueologia veio dar-lhe razão, pois a ausência de vestígios dessa proveniência não confirma a chamada teoria dualista.

melhores artífices (*op. cit.*, p. 167). A este propósito, acrescentamos nós, pode comparar-se, de certo modo, esta situação com outra semelhante, que há-de ocorrer na época imperial, quando o mesmo famoso Templo é embelezado, por ordem de Domiciano, com colunas de mármore talhadas na Acrópole de Atenas (Plutarco, *Vida de Públicola* 15.4).

¹³ Citações de pp. 165 e 171, respectivamente.

¹⁴ Na *Cambridge Ancient History*, Vol. III, pp. 494-497.

No estado actual da questão, os melhores especialistas limitam-se a reconhecer que os dados arqueológicos são insuficientes, bem como os linguísticos, para apoiar a tradição literária¹⁵. E a datar os começos da Urbe de meados do séc. VII a.C.

Esta passagem em revista, muito sumária e forçosamente incompleta, de algumas das principais teorias contemporâneas¹⁶ sobre as origens de Roma mais não pretende do que dar uma ideia da complexidade da questão. E terá tornado claro que desde cedo a cidade parte de um substrato cultural composto, que nunca se tornará totalmente homogêneo.

BIBLIOGRAFIA

G. PUGLIESE-CARRATELLI, "Lazio Arcaico e Mondo Greco", *La Parola del Passato* 196-198 (1981), 9-20.

¹⁵ Sobre toda esta questão, vide JACQUES POU CET, *Les Origines de Rome, tradition et histoire*, e, do mesmo, "Les Préoccupations étologiques dans la tradition 'historique' sur les origines de Rome". Recordem-se também as palavras de A. MOMIGLIANO, *Contributo alla storia degli studi classici* (Roma, 14 vols., 1955-95), "Terzo Contributo" (1966): "Não sei o que seja que, arqueologicamente, faz com que se distinga um Sabino em Roma"; e a conclusão de T. J. CORNELL, *The Beginnings of Rome*, p. 76 (que cita o texto acabado de traduzir) de que "tem de se admitir que presentemente não há nenhum apoio externo forte para as histórias tradicionais sobre Sabinos nos primórdios de Roma".

¹⁶ Omitimos deliberadamente algumas teses muito difundidas, como a de G. DUMÉZIL, baseada na chamada "ideologia das três funções", e refutada com bons argumentos, sobretudo por A. MOMIGLIANO, em sucessivos artigos recolhidos na obra referida na nota anterior ("Terzo Contributo", 581-583; "Ottavo Contributo", 135-159) e em *Studies on Modern Scholarship* (Berkeley, 1994), 216-301, bem como, mais recentemente, por T. J. CORNELL, *The Beginnings of Rome*, pp. 77-79.

- F. CASTAGNOLI, "Roma arcaica e i recenti scavi di Lavinio", *La Parola del Passato* 176 (1977), 340-355.
- T. J. CORNELL, *The Beginnings of Rome. Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (c. 1000-264 B.C.)* (London, 1995), specialmente cap. 2, 3 e 6.
- E. CURTI, E. DEUCH and J. R. PATTERSON, "Survey Articles: The Archaeology of Central and Southern Roman Italy: Recent Trends and Approaches", *Journal of Roman Studies* 86 (1996), 170-189.
- A. GRANDAZZI, *La Fondation de Rome. Réflexion sur l'Histoire. Préface de PIERRE GRIMAL* (Paris, 1991).
- M. PALLOTTINO, *Saggi di Antichità*, Vol. I (Roma, 1979).
- J. R. PATTERSON, "Survey Article. The City of Rome: From Republic to Empire", *Journal of Roman Studies* 82 (1992), 186-215.
- J. POU CET, "Les Sabins aux origines de Rome. Orientations et problèmes" in: *Aufstieg und Niedergang der römischen Welt* I.1 (Berlin, 1972), 48-135.
- J. POU CET, *Les origines de Rome, tradition et histoire* (Paris, 1985).
- CHRISTOPHER SMITH, *Early Rome and Latium. Economy and Society c. 1000-500 B.C.* (Oxford, 1996), pp. 9-105.

LENDAS PRIMITIVAS ROMANAS

Em contexto assaz nebuloso para o historiador, os Romanos enquadravam uma série de acontecimentos geralmente heróicos, de cuja autenticidade já não estavam bem certos, mas que apontavam como paradigmáticos. O próprio Tito Lívio, uma das nossas fontes principais para este período, mostra ter plena consciência disso¹:

Quanto aos factos anteriores à fundação da cidade ou ao plano de a fundar, embelezados por lendas poéticas, mais do que transmitidos por documentos inalterados dos acontecimentos, não tenho em mente nem confirmá-los nem refutá-los. À antiguidade dá-se vénia para tornar mais augustos os primórdios das cidades, pela mistura do humano com o divino.

O que há de mais salutar e fecundo no estudo da história é que se contemplam os ensinamentos de toda a espécie de exemplos dispostos num momento bem visível; daí se podem extrair modelos a imitar para uso próprio e do seu país, e actos vergonhosos a evitar pelas suas causas ou pelas suas consequências.

Essas lendas podem ser consideradas sob vários ângulos: histórico, etnográfico, religioso, axiológico. Embora seja o último o que mais nos interessa aqui – quase todos se tornaram paradigmas ensinados nas escolas² – não descuremos totalmente os outros.

¹ Prefácio 6-7; 10 (*Romana*, p. 209).

² Acerca do exemplo de Múcio Cévola, ainda se podia ouvir na época imperial que fazia parte das histórias recitadas em todas as escolas

O rapto das Sabinas

Na sequência de lutas dos Romanos com os povos vizinhos, e no quadro pouco nítido das suas relações com os Sabinos, figura este célebre episódio que pretende explicar a fusão dos dois povos (facto que, como vimos, se julga actualmente carecer de qualquer suporte arqueológico).

Diversas instituições e rituais perpassam na narrativa, tal como Tito Lívio a apresenta³. Podemos quase falar de uma etiologia dos rituais do casamento romano, que mantinha o simulacro de rapto e o grito *Thalassio*. Outra etiologia ainda na instituição do culto de Júpiter Ferétrio e entrega dos “despojos opimos”. Ao fazê-lo no alto do Capitólio, Rómulo delimita mentalmente um *templum* (no sentido primitivo da palavra latina, de ‘recinto’) e executa uma prefiguração do triunfo romano, a que os Etruscos deram carácter definitivo⁴.

O nome de *Consualia*, que Rómulo dá aos jogos premeditados para atrair os Sabinos, pretende talvez sugerir uma relação etimológica (enganadora) com *consilium* (‘plano’),

(*decantatae... in omnibus scholis fabulae* – Séneca, *Cartas a Lucílio* III.24.6). O feito de Horácio Cocles é contado por Políbio (VI.54-55) como exemplo de motivação, entre os Romanos, para praticar actos heróicos.

³ I.9-13 (*Romana*, pp. 210-218).

⁴ OGILVIE, *Early Rome and the Etruscans* (London, 1976), pp. 37-38, quis demonstrar que o culto de Júpiter Ferétrio era uma sobrevivência de antigos rituais, que o modelo da subida ao templo de Júpiter Capitolino veio substituir. Sobre as razões que se opõem a tal hipótese, vide CORNELL, *The Beginnings of Rome*, p. 166 e bibliografia aí citada.

que parece implícita em Tito Lívio e que se lê em Dionísio de Halicarnasso. Os modernos procuram antes a derivação a partir de *Consus*, divindade agrária protectora dos silos, que poderia representar uma tentativa de equivalência a Neptuno Equestre, mencionado no texto como o patrono dos jogos. Mesmo assim, a relação entre os *Consualia* e o rapto ainda não está satisfatoriamente esclarecida, como notou OGILVIE⁵.

O sociólogo encontraria nesta história, para além do interesse do estabelecimento de normas de convívio entre povos rivais, a importância que, apesar dos actos de violência, é dada à mulher, que será tratada, não como escrava, mas como tendo parte nos bens e na pátria.

Mas, acima de tudo, a lição da lenda é a de apaziguamento de contrários por meio da fusão de dois povos que encontram, nos laços familiares que contraem, o caminho para uma coexistência pacífica.

Tarpeia

Encastoada na lenda do rapto das Sabinas, mas distinta dela, encontra-se a de Tarpeia.

Uma figura feminina seduzida e castigada pelo inimigo, depois de ter atraído o próprio pai, é história corrente no quadro geral das fraquezas da humanidade, e não precisamos

⁵ *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, p. 66.

de andar a procurar-lhe paralelos na Gullveig da saga escandinava ou em motivos gregos, como fez DUMÉZIL⁶.

De resto, a lenda já apresenta variantes entre os antigos: por Dionísio de Halicarnasso (II.39.1), sabemos que o analista Pisão tentara defender a filha do prefeito da cidade romana, dizendo que ela pedira os escudos ao inimigo, para o desarmar; ao passo que Propércio (IV.4) lhe dera um toque romântico, atribuindo ao amor a traição.

Tito Lívio (I.11)⁷ dá como causa do acto de Tarpeia o suborno pelo ouro, mas, ao terminar a narrativa, refere também a versão da ambiguidade do contrato: a jovem pedira aos Sabinos o que eles traziam no braço esquerdo, que tanto podia ser os braceletes de ouro como o escudo. É coberta pelos escudos do inimigo que a representa o friso da Basílica Emília.

Ora, uma representação dessas sugere que se tratasse de um antigo troféu antropomórfico ou ídolo de Hera Tropaia, que estaria na origem da tradição⁸. De qualquer modo, o nome de Tarpeia encontrava-se ligado a um local de Roma, na vertente do Capitólio, local de sinistras associações, pois nele se castigavam os perjuros e outros criminosos que atentavam contra a República⁹. E, precisamente, a lenda de Tarpeia era um exemplo de traição castigada.

⁶ *Tarpeia. Essais de Philologie Comparative Indo-Européenne* (Paris, 1947). Veja-se agora J. POUCKET, "Les préoccupations étologiques dans la tradition historique sur les origines et les rois de Rome", *Latomus* 51 (1992), 281-314, que sugere a hipótese de o episódio ser de origem greco-egéense (pp. 294-295).

⁷ *Romana*, p. 213.

⁸ Cf. J. HEURGON, *T. Livi Ab urbe condita Liber I*. Coll. Érasme (Paris, 1970), p. 55.

⁹ Cf. OGILVIE, *A Commentary on Livy, Books I to 5*, pp. 74-75, que explica as diversas fases do desenvolvimento da lenda.

Lucrécia

Um episódio que impressionou escritores antigos e modernos¹⁰ termina o Livro I de Tito Lívio¹¹ – o de Lucrécia, apresentado como causa próxima da queda da monarquia. A discussão entre jovens oficiais desocupados sobre os méritos das respectivas esposas; uma cavalgada nocturna de 33 km para surpreender as actividades fúteis a que se dedicavam em Roma, mais 18 km até Colácia, para deparar com Lucrécia sentada a fiar no meio das criadas; a segunda vinda, dias depois, de Sexto Tarquínio, ameaçando matar e caluniar a mulher do amigo, se não ceder aos seus desejos; a submissão de Lucrécia desesperada; a sua mensagem urgente ao pai e ao marido, para lhes dar conta do sucedido e se matar na sua frente; a promessa de vingança de Bruto; a exposição do cadáver na praça pública; a emoção no Forum Romanum, provocada pelo discurso de Bruto – são outros tantos lances romanescos que fazem suspeitar de um modelo helenístico para o drama, segundo OGILVIE. No entanto, talvez não andem longe da razão os que lhe vêm a origem na poesia popular¹².

¹⁰ Recorde-se, por exemplo, o poema de Shakespeare, *The Rape of Lucrece*. Entre nós, temos o exemplo de Garrett, cuja tragédia *Lucrécia*, feita nos seus anos de estudante de Coimbra, foi representada em 1819 (mencione-se também, a propósito, a sua tentativa juvenil de *O Rapto das Sabinas*). Sobre outras metamorfoses modernas desta lenda, vide IAN DONALDSON, *The Rapes of Lucretia. A Myth and its Transformations* (Oxford, 1982), e respectiva recensão por K. W. GRANSDEN (*Classical Review*, 33 (1983), 306-308).

¹¹ I.57-60 (*Romana*, pp. 216-219).

¹² OGILVIE, *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, pp. 218-219, considera-a, de resto, uma tradição tão bem estabelecida que dificilmente se poderá duvidar do seu suporte histórico.

A intenção moralizante desta história de honra levada ao extremo está bem clara na fala da própria heroína antes de expirar: “Depois de mim, nenhuma mulher poderá faltar ao pudor, apoiando-se no exemplo de Lucrecia”.

Horácio Cocles

O cognome de Cocles, relacionado etimologicamente com o grego *Kyklops*, quer dizer ‘zarolho’. Ora, em frente ao *Pons Sublicius* de Roma havia uma estátua antiga de um homem coxo e privado de um dos olhos, que se dizia ser a de Horácio Cocles, mas que, na verdade, talvez representasse Vulcano. Tanto bastaria para criar uma lenda etiológica, que explicasse tais singularidades.

O certo é que a história relatada por Tito Lívio (II.9.1-10.13)¹³ termina por dizer que o herói desse nome teve como recompensa uma estátua e um terreno. Para esta última conclusão, era necessário que Horácio Cocles sobrevivesse ao feito sobre-humano de defender o acesso à ponte de madeira enquanto a cortavam e de se atirar armado ao Tibre. Na versão de Políbio (VI.55), tal não acontecia: o herói perecia afogado no rio.

A lenda situa-se no quadro do ataque a Roma de Porsena, rei de Clúcio, a fim de repor os Tarquínios no trono. Esta, a versão de Tito Lívio. Porque, cerca de um século depois, Tácito (*Histórias* III.72) dá uma interpretação dos factos que os modernos têm por mais certa: Porsena chegou a tomar a Urbe. E vão ainda mais longe, ao afirmar que o rei de Clúcio

¹³ *Romana*, pp. 220-222.

representa a última vaga de invasões de Tarquínius sobre o Lácio, e foi ele que expulsou os Tarquínius¹⁴.

Ainda dentro desta linha de interpretação, M. M. SCULLARD¹⁵ faz notar que os dois companheiros de Horácio, que a princípio o assistem na defesa da ponte de madeira, têm nomes etruscos: Larcius e Hermionius. O próprio cognome do herói teria entrado na língua latina pela via etrusca¹⁶. Depois do que expusemos no capítulo anterior sobre a questão dos Etruscos, desnecessário se torna acentuar quanto há de precário nestas hipóteses.

Múcio Cévola

Tal como a anterior, esta lenda é um exemplo de coragem e dedicação pela cidade¹⁷: um jovem romano que ousa apresentar-se só no acampamento de Porsena, para o matar, e, após ter sido descoberto, ante a ameaça de castigo pelo fogo, poussa a mão direita sobre as brasas, depois de ter proferido uma frase que é um retrato admirável do povo Romano: *Et facere et pati fortia Romanum est* ("tanto executar como

¹⁴ "Malgré les travestissements de l'histoire, c'est Porsenna qui a chassé les Tarquins. Rome, qu'il a occupée, a été la base de ses campagnes contre la ligue latine" (HEURGON, *Rome et la Méditerranée jusqu'aux Guerres Puniques* (Paris, 1969), p. 263).

¹⁵ *The Etruscan Cities and Rome* (London, 1967), p. 262.

¹⁶ Cf. A. ERNOUT, *Philologica* I (Paris, 1946), p. 7. Note-se que o mesmo latinista francês, numa obra que é ainda hoje um livro de referência, *Les Éléments Dialectaux du Vocabulaire Latin* (Paris, 1929), apenas atribui origem etrusca a um pequeno número de vocábulos latinos.

¹⁷ Tito Lívio II.11.1-13.5 (*Romana*, pp. 210-213).

sofrer grandes feitos é virtude própria dos Romanos”). Em seguida, aponta o seu acto como prova “do pouco valor do corpo para aqueles que têm em vista uma grande glória”¹⁸.

Os modernos examinam prosaicamente a questão, interrogando o nome de Cévola, que consideram etrusco. A etimologia popular, porém, ligava *Scaevola* a *scaevus* (‘canhestro’) ou *scaeva* (‘sinal’). Explicação da falta da mão direita? História imaginada a partir de um monumento que representasse um jovem com a mão sobre um altar? R. BLOCH aceita o paralelismo desta lenda e da antecedente com a dos deuses escandinavos, Odim, de um só olho, e Tor, de um só braço¹⁹. OGILVIE observa que o nó da história é o meter o braço direito nas chamas, acto que só poderia significar castigo do perjúrio ou promessa; daí deduz que a história original se referia a uma quebra de juramento, cujo castigo fora heroicamente suportado; a forma actual da narrativa teria sido um arranjo do começo do séc. III a.C., feito sob a influência de lendas gregas²⁰.

Clélia

A terceira lenda da série é apresentada por Tito Lívio²¹ como resultante da emulação, despertada no sexo femi-

¹⁸ A este propósito, escreve HANS DREXLER: “Não se pode imaginar nada de mais romano do que estas frases. Este feito é grandioso, espantoso, e contudo simultaneamente cruel, desumano, bárbaro, próprio de gladiadores” (“Res Publica” in: *Römische Wertbegriffe* (Darmstadt, 1967), pp. 112-113).

¹⁹ *The Origins of Rome* (London, 1963; trad. port., Lisboa, 1971), p. 55.

²⁰ *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, p. 262.

²¹ II.13.6-11 (*Romana*, pp. 225-226).

nino, pela consagração pública das honrarias conferidas a Múcio Cévola.

É sem dúvida a mais confusa nos seus elementos²². OGILVIE distingue dois estratos: a história de uma rapariga que salvou as suas companheiras de cativoiro (certamente, lendas com base histórica); o prodígio de uma donzela que atravessa o Tibre a cavalo (inspirada por uma estátua equestre rudimentar, que estava ao cima da Sacra Via, e talvez representasse uma divindade)²³.

Efectivamente, a conclusão da história é que os Romanos concedem a Clélia a honra sem precedentes de uma estátua equestre. Outras versões diziam que Porsena lhe oferecera um cavalo ou que a jovem atravessara o Tibre montada nesse animal. É esta parte da lenda que tem feito supor que se tratava da representação de uma divindade, como a deusa celta Epona, muito conhecida dos Romanos, ou como Vénus Equestre.

Para o ponto de vista que nos interessa, esta terceira história demonstra de forma mais romanesca que as anteriores esse sentido da devoção à comunidade, que todas, afinal, exemplificavam: agora é uma figura feminina que se arma de coragem varonil para se salvar a si e às suas companheiras. E, quando convidada pelo rei a escolher reféns para levar consigo, prefere os mais novos, para os libertar das injúrias a que estavam sujeitos.

²² “Não há dois autores que contem a história da mesma maneira, e foi contada por muitos” – diz OGILVIE, *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, p. 267.

²³ *A Commentary on Livy, Books 1 to 5*, p. 267.

Régulo

História paradigmática por excelência era a de Régulo, que os Romanos não se cansavam de evocar²⁴.

Cônsul durante a Primeira Guerra Púnica, desembarcou em 256 a.C. no Norte de África, onde obteve grandes êxitos, mas foi derrotado por Xantipo, no ano seguinte, e feito prisioneiro.

Não temos a versão de Tito Lívio, pois se perdeu esta parte da sua obra. Mas temos, entre outras, duas de Cícero (*Dos Deveres* III.26-27.99-100²⁵ e *Dos Limites Extremos* II.20.65) e ainda uma inesquecível ode de Horácio (III.5).

O exemplo é visto sob o mesmo ângulo: o prisioneiro vem a Roma, sob juramento, negociar a sua troca por jovens Cartagineses, detidos pelos Romanos. Mas o antigo cônsul, pelo contrário, persuade o Senado a não os entregar, e volta para o terrível suplício que o aguardava. Tinha *virtus*, *fides*, *constantia* – conclui Cícero; era mais feliz do que Balbo no seu leito de rosas²⁶.

O grande orador dá-o como modelo de aplicação dos princípios estoícos. Embora sem o declarar abertamente²⁷, é nesse âmbito que Horácio desenha a figura de Régulo na Ode V do Livro III, pertencente ao grupo das chamadas

²⁴ E. g. Séneca, *Cartas a Lucílio* VII.67.7.12; VIII.71.17; XVI.98.12. Entre nós, CORREIA GARÇÃO compôs sobre o tema uma tragédia perdida, *Régulo*.

²⁵ *Romana*, p. 65.

²⁶ *Dos Limites Extremos* II.20.65.

²⁷ É o mesmo ideal que se encontra retratado no começo de *Odes* III.3.1-8 (*Romana*, p. 199). Como sabem todos os leitores de Horácio, o poeta venusino oscila frequentemente entre o Estoicismo e o Epicurismo.

Odes Romanas, por se ocuparem, todas as seis, de questões morais e políticas de grande relevância para o Império²⁸. O antigo cônsul é aqui a figura central. Mais do que as palavras do seu discurso ao Senado (vv. 21-40) são particularmente impressionantes as das estrofes seguintes (41-48), que em actos e gestos assumem um valor paradigmático: afastando a esposa e os filhos (como prisioneiro de guerra, logo, privado de direitos, que tinha consciência de ser); o rosto carregado, voltado para o chão, enquanto aguardava que os senadores hesitantes se decidissem; a saída por entre os amigos entristecidos; as torturas que o bárbaro lhe preparava²⁹. Os últimos versos, comparando a serenidade com que Régulo afasta os amigos próximos e o povo, que tentam obstar ao seu regresso, com a atitude comum do advogado, que, terminado o julgamento, se recolhe ao campo, consagram, mediante o contraste subjacente entre as duas situações, o supremo valor do dever cumprido. Alguns historiadores actuais aceitam estes factos. Outros pensam que a versão das torturas infligidas pelos Cartagineses teria sido inventada para desculpar as que a viúva de Régulo impusera aos prisioneiros de Cartago (quando parece mais natural que estas se tivessem originado numa retaliação daquelas).

²⁸ De onde a solenidade da estrofe inicial (III.1.1-4), cuja versão figura em *Romana*, p. 199.

²⁹ Conforme se lê no original, v. 48, *egregium properaret exsul* (algo como “egrégio apressava-se, proscrito”), numa daquelas expressões condensadas, características de Horácio, e quase intradutíveis. JAMES ARIETI, “Horatian philosophy and the Regulus Ode”, *Transactions and Proceedings of the American Philological Association* 120 (1990), 209-220, classifica este verso como um “brilhante e tríplice oxímoron”.

O mais curioso é que Políbio, que também narra a história³⁰, desconhece a missão do cônsul a Roma, e, depois de contar que quase todo o exército romano foi dizimado, e só ele e poucos mais ficaram prisioneiros, gasta todo um capítulo a fazer reflexões sobre a mudança da fortuna de Régulo, que, de vencedor insolente nas suas exigências, passara a vencido que implorava que lhe poupassem a vida.

Mas certamente não era esta a versão que corria em Roma. O seu tratamento repetido, na forma que vimos acima, parece provar que se tornara mesmo um exemplo de escola. Ele incarnava, mais do que qualquer outra figura, duas das maiores virtudes romanas: a coragem (*virtus*) e a fidelidade aos juramentos (*fides*).

BIBLIOGRAFIA

- J. HEURGON, *Rome et la Méditerranée Occidentale avant les Guerres Puniqes* (Paris, 1969, reed. 1980).
- R. M. OGILVIE, *A Commentary on Livy, Books 1 to 5* (Oxford, 1965).
- L. P. WILKINSON, *The Roman Experience* (London, 1975), cap. 2.